

ARTIGO CIENTÍFICO FINAL DO PDE VIOLÊNCIA E INDISCIPLINA X RENDIMENTO ESCOLAR

Adão Aparecido Xavier¹

Wanirley Pedroso Guelfi²

Resumo:

Este artigo tem por objetivo apresentar os resultados de pesquisas realizadas sobre a violência intra e extra escolar, bem como os impactos no processo de ensino e aprendizagem tal como vem sendo desenvolvido Colégio Estadual Helena Kolody – Colombo/PR, Região Metropolitana de Curitiba, que atende em torno de 2000 educandos distribuídos em três turnos. A investigação pedagógica foi focada nas quintas e sextas séries do Ensino Fundamental. A fim de compreender os fenômenos adversos à expectativa educacional e promover uma reflexão, procurou-se envolver os diversos profissionais tais como professores, agentes de apoio, pedagogos, auxiliar de direção, pais e alunos. Na implementação das propostas, houve a elaboração de um Grupo de Estudos, a partir do qual elaborou-se materiais pedagógicos para aplicação prática na sala de aula, nas aulas de campo, nas reuniões de pais e responsáveis, nas atividades realizadas pelos alunos a partir de questões que promovem a compreensão do histórico de vida de pais, mães e filhos, de como se constituem as subjetividades na formação multiculturais do sujeitos epistêmicos. A partir da implementação do projeto, algumas hipóteses serão apresentadas para suscitar indagações no campo educacional, de forma a levar todos os atores a encontrar estratégias de ação formativa, com métodos que promovam a redução das violências e sensibilizem um olhar para a educação formal como possibilidade de transformação social.

Palavras chave: Indisciplina. Subjetividades. Violências. Rendimento escolar.

¹Adão Aparecido Xavier é formado em Filosofia, especialista em Filosofia Política (UFPR). Professor PDE 2008.SEED. Atuando em sala de aula no Col. Est. Helena Kolody – JD Monza – Colombo /PR.

²Wanirley Pedroso Guelfi. Professora Mestre em Educação. Socióloga e Historiadora. Professora da UFPR. Orientadora deste projeto PDE.

ABSTRACT

This article aims to present the results of the studies about the violence within and outside school as well as impacts on teaching and learning process as it has been developed at the Colegio Estadual Helena Kolody Colombo / PR, Curitiba Metropolitan Region, which serves around 2000 students distributed in three periods. The educational research was focused on the fifth and sixth grades of elementary school. In order to understand the phenomena to expected educational events and promote reflection, involved various professionals such as teachers, support staff, manager assistant, parents and students. In implementing the proposals, there was a Study Group, from which was elaborated pedagogical materials for application in the classroom, in teaching extra-class, in meetings of parents, the activity performed by students from of questions which promote understanding of the history of life of parents, mothers and children, as are the subjectivity in shaping multicultural epistemic subject. From the project implementation, some hypotheses will be presented to raise questions in the educational field in order to bring all stakeholder to find strategies for action training with methods that promote reducing violence and raise a look at the formal education as a possibility of social transformation.

Keywords: Disruptive behavior. Subjectivities. Violence. Achievement.

INTRODUÇÃO

O conflito é inerente à convivência humana nas inter-relações cotidianas sejam elas estabelecidas entre duas pessoas, entre grupos constituídos por diversas subjetividades e pluridiversidades étnicas, raciais, religiosas, sexuais, econômicas, sociais e culturais. A escola como instituição social reflete – devido à grande concentração de pessoas com diferentes concepções de mundo e formações variadas – de forma mais evidenciada atitudes de intolerância e desrespeito às diversidades, geradas pela incompreensão dos fenômenos históricos, políticos, sociais e culturais no qual se constroem os seres humanos, pois a permanência no âmbito escolar é significativa em relação a outros espaços e instituições nos quais estes seres humanos interagem e se constituem enquanto sujeitos cognoscentes.

As situações conflituosas quando ocorrem num espaço onde estejam consolidadas práticas democráticas de ouvir as vozes angustiadas dos sujeitos, podem ganhar um caráter positivo, na medida em que possibilita ampliar o debate sobre a

compreensão de mundo e os processos que levaram estes sujeitos a terem representações tão diversificadas em termos de valores ideológicos e posicionamentos calcados em noções do senso comum, fechadas que não aceitam as diferenças e diversidades do contidas no âmbito escolar. A ausência de discussões, de diálogo como forma pacífica na solução dos conflitos é um sintoma gerador de múltiplas violências, pois, em uma situação de mediação em que haja dissonância de ideias mediadas por atitudes de autoritarismo, onde um queira sobrepor sua visão enquanto fechada, única e verdadeira sobre o outro, a angústia dos sujeitos envolvidos se intensifica, prolonga-se, podendo chegar a um caráter de tragicidade. Quando há posicionamentos gerenciais autoritários, as angústias e desavenças ficam temporariamente sufocadas, passíveis de causar nos indivíduos envolvidos sintomas psicossomáticos por estarem sendo vítimas de violência simbólica que os afetam física e psicologicamente. Quando a ira reprimida no inconsciente vem a ser exteriorizada, geralmente isso ocorre da pior forma possível, por meio de contestações da autoridade refletidas em diversas formas de depredações, pichações, agressões físicas e verbais a colegas e educadores e educadoras. Tal análise é confirmada nas ações de diversas formas de bullying que ocorrem dentro das escolas.

Ao tentar mediar determinadas situações, as pesquisas revelam que é comum acontecer muitos equívocos tais como a criminalização da indisciplina em momentos quando se chama a patrulha escolar para solucionar o que seria de competência pedagógica. Ocorre, desta forma, uma interpretação errônea entre o que possa ser considerado um ato de fato passível de ser classificado como infração prevista na legislação vigente, e atos meramente de indisciplina que devem ser tratados no âmbito pedagógico educacional no recinto escolar.

A violência que acontece dentro das escolas não deve ser entendida como algo natural e nem individual, mas como reflexo de uma violência estrutural, inerente ao modo de produção capitalista e que tende, não raro, a criminalizar a pobreza como geradora da violência e por consequência denominando os jovens e adolescentes das periferias como classes perigosas, dando-lhes um tratamento mais repressivo, principalmente nas abordagens policiais. Os educadores acabam também tendo uma visão mais disciplinadora e repressora dos jovens. Tais atitudes demonstram a necessidade de ressignificar o sistema educacional de ensino, intensificando políticas públicas direcionadas à formação continuada, nitidamente demonstrada na carência de conhecimento das legislações e dos princípios educacionais.

As subjetividades e manifestações de violências extra-escolar

Podemos apontar, a princípio, que quando educadores citam a metáfora elaborada por Paulo Freire manifestada na expressão “quebrar os muros”, há de se refletir sobre os macro fenômenos implícitos para além do muro croncretamente visível: o pior muro não é aquele de três metros protegendo a escola, mas o invisível da não participação – A sugestão aí colocada se refere à busca da compreensão das especificidades sócio-históricas circunstanciais na qual cada indivíduo tenha tido a oportunidade de se desenvolver enquanto sujeito ativo na construção do conhecimento, considerando neste processo as relações pluriculturais e sociais com as quais interage muito bem apontadas nas teorias de Vygotsky sobre o desenvolvimento cognitivo que ocorre a partir do intersubjetivo, do meio externo, de fora – exógeno – para o intra-subjetivo (para dentro – endógeno). Nesta perspectiva, a relação humana com o mundo é mediada por instrumentos perceptíveis na natureza concreta e por signos, pela natureza simbólica que determinado objeto ou situação enfim representa para cada um, tendo em vista as representações simbólicas e culturais que norteiam as relações do ser com o mundo. O espaço da escola é composto por diversas concepções de mundo, que Vygotsky teoriza como subjetividades. Na abordagem feita por Vygotsky sobre a estrutura sócio histórica da psicologia nas interações socioculturais, dentre outros conceitos, ele apresenta o termo microgênese, no qual cada fenômeno psicológico tem sua própria história, sendo que a ênfase recai sobre a percepção das singularidades de cada sujeito cognoscente. O pensamento aqui expresso por Vygotsky foi utilizado enquanto suporte teórico, fomentando a ideia de se elaborar em conjunto com os participantes do grupo de estudos realizados no colégio, sobre *Violência e indisciplina versus rendimento escolar*, uma atividade que foi e pode ser aplicada nas salas de aula, na qual os alunos(as) têm que interagir com os pais e responsáveis para realizá-la. Para buscar também uma interação no relacionamento do aluno com a família e dos participantes com os alunos, elaborou-se um relatório intitulado “Contando minha história – Linha do tempo”, na qual o aluno precisa narrar fatos históricos considerados para ele de extrema importância ocorridos nos últimos doze anos. Também é solicitado a um de seus familiares: pai, mãe, avós, enfim, preferencialmente a pessoa responsável com quem o(a) estudante tenha convivido

neste período que também conte sua história de vida, em outro relatório específico conforme exemplificado o modelo abaixo.

Segue o exemplo da ficha em branco de alunos(as) e responsáveis e duas preenchida por alunas, escaneadas e mostradas fielmente como escreveram:

Professor Adão Aparecido Xavier	Implementação do Projeto PDE na Escola/2009 VIOLÊNCIA E INDISCIPLINA X RENDIMENTO ESCOLAR
------------------------------------	--

FICHA DE PESQUISA LIVRE SOBRE FATORES DA VIOLÊNCIA EXTRA-ESCOLAR
CONTANDO MINHA HISTÓRIA – LINHA DO TEMPO

Nome responsável (mãe, pai, irmã, irmão, avós, outros):

_____ Idade: _____

Profissão: _____ Estudou até que série: _____ Nome do(a)

filho(a): _____

Relate na linha de sua história atos e fatos, coisas boas e não tão boas importantes que aconteceram nos últimos 12 anos.

1998	1999	2000	2001
2002	2003	2004	2005
2006	2007	2008	2009

Professor Adão Aparecido Xavier	Implementação do Projeto PDE na Escola/2009 VIOLÊNCIA E INDISCIPLINA X RENDIMENTO ESCOLAR
------------------------------------	--

FICHA DE PESQUISA LIVRE SOBRE FATORES DA VIOLÊNCIA EXTRA-ESCOLAR
CONTANDO MINHA HISTÓRIA – LINHA DO TEMPO

Aluno(a): _____ Turma: _____

Turno:_____ Relate na linha de sua história atos e fatos, coisas boas e não tão boas importantes que aconteceram nos últimos 12 anos.

1998	1999	2000	2001
2002	2003	2004	2005
2006	2007	2008	2009

**PROJETO DE IMPLEMENTAÇÃO PDE - PROFESSOR ADÃO APARECIDO XAVIER - HISTÓRIA
 VIOLÊNCIA E INDISCIPLINA X RENDIMENTO ESCOLAR - COL. EST. HELENA KOŁODY - COŁOMBO/PR
 CONTANDO MINHA HISTÓRIA - LINHA DO TEMPO**

Nome: B. J.

Idade: 15 Turma: A Série: 6º

Releite na linha de sua história atos e fatos, coisas boas e não tão boas importantes que aconteceram nos últimos 12 anos.

1998	1999	2000	2001
Nesse tempo eu tô estudando e eu tô lembrando de nada de nada aconteceu minha primeira irmã nasceu a Fernanda que eu amo muito que hoje tem 11 anos.	Eu lembro que dessa parte do meu tempo eu passava brincando com a vizinha era bem mais boteu na minha mãe eu queria tanto uma irmã. meu pai lotia muito na minha mãe eu não podia fazer nada só chorar.	Eu estava com 6 anos e não via a hora de estudar. Meu pai morreu mais boteu na minha mãe eu queria tanto uma irmã.	meu pai na escola eu estava tão feliz na mudança da minha mãe ficou grávida da minha irmã que eu amo muito.
2002	2003	2004	2005
Eu estava na 2ª série aconteceu uma coisa ótima no nascimento da minha irmã a irmã que eu tanto queria que hoje tem 7 anos.	Eu estava na 3ª série e o meu primo estava na minha sala ele era chato e ele só me ulhava.	Eu estava na 4ª série e foi nesse ano que eu tive o meu primeiro namorado foi bom mais ele mudou de escola e eu nunca mais vi ele.	Eu estava tão feliz eu tinha feito minha formatura eu não sabia o que ia me acontecer. Tudo começou numa discussão mais na saída do colégio tive minha primeira amiga.
2006	2007	2008	2009
Eu estava um pouco triste quando uma vez no colégio foi ruim nesse ano mãe conseguiu vaga mais aconteceu uma coisa ótima no nascimento da minha última irmã que eu tanto amo.	Eu estava na 5ª série eu estava muito triste porque eu repreendi fei muito ruim. Mais depois foi que eu conheci pessoas que até hoje eu tenho amizade.	Eu estava na 6ª e me aconteceu uma coisa muito ruim eu buquei no colégio e a minha mãe não deixou eu estudar. Eu comecei a trabalhar e foi muito bom.	Eu estava na 6ª série e me aconteceu uma coisa ótima eu conheci uma pessoa ótima. O Marcos meu namorado eu gostei muito dele e sinto que de hoje de mais também.

Professor Adão
Aparecido Xavier

Implementação do Projeto PDE na Escola/2009
VIOLÊNCIA E INDISCIPLINA X RENDIMENTO ESCOLAR

FICHA DE PESQUISA LIVRE SOBRE FATORES DA VIOLÊNCIA EXTRA-ESCOLAR
CONTANDO MINHA HISTÓRIA – LINHA DO TEMPO

Aluno(a): VFS

Turma: C

Turno: M Relate na linha de sua história atos e fatos, coisas boas e não tão boas importantes que aconteceram nos últimos 12 anos.

1998	1999	2000	2001
EM 98 EU TINHA 3 ANOS E MORAVA COM MEU PAI E MINHA MÃE ADO-RAVA. PORQUE MINHA VERDADEIRA FALECEU.	EM 99 EU TINHA 4 ANOS MEU PAI SEPAROU DA MINHA MÃE ADOPTIVA E EU FIQUEI MORANDO SO COM MEU PAI.	EM 2000 MINHA SOBRINHA NACEU E MINHA IRMÃ FALOU QUE SEMPRE EU E MEU PAI IA NA CASA DELA PRÁ VER A CAROL.	EM 2001 EU FUI PARA A ESCOLA MORAVA PRÁ NÃO FICAR PRÁ NÃO FICAR EM CASA E QUANDO NÃO IA FICAVA ATENTANDO TODO MUNDO
2002	2003	2004	2005
EM 2002 MEU PAI FALECEU E FOI A PIOR COISA DO MUNDO PRÁ MIM E EU TIVE QUEIR MORAR COM QUEM NÃO QUERIA	EM 2003 EU MORAVA COM MINHA IRMÃ E O TEMPO PASSA E EU SOFRIA MUITO COM ELA ELA USAVA DROGA	EM 2004 EU CONTINUAVA MORANDO COM A MINHA IRMÃ E O TEMPO PASSAVA E EU SOFRIA MAS AINDA.	EM 2005 EU AINDA MORAVA COM ELA E EU QUERIA MORAR COM A MINHA MÃE ADOPTIVA COM OS MEUS DOIS IRMÃOS.
2006	2007	2008	2009
EM 2006 EU SEMPRE PRÁ ELA PRÁ MIM IR MORAR COM ELES E ELA NÃO DEIXAVA.	EM 2007 EU MORAVA COM ELA AINDA E EU QUERIA MORAR COM SE TAVA REALIZANDO MEU SONHO.	EM 2008 A MINHA IRMÃ ME BATEU COM ME DEIXOU TO-DA ROCHA E EU FOI MORAR COM A MINHA MÃE.	EM 2009 EU CONHECI O MARCELO, O BRENNER E A MONIQUE EU GOSTO MUITO DELES. E ACONTECEU MUITAS COISAS NA MINHA VIDA

Conforme pode ser observado nestes dois relatos contidos neste artigo como exemplo e também nos inúmeros outros, verificamos que podem ocorrer várias situações como estas nos cotidiano de muitas escolas e passam silenciadas sem que ninguém tome conhecimento e venha a propor uma intervenção pedagógica de forma mais efetiva ao lidar com crianças nestas condições, pois sem dúvida quando outros estudantes passam por experiências semelhantes a estas, há uma repercussão inquietante na sala de aula, pois podem ser geradoras de indisciplina, apatia, desinteresse pelos estudos, dificuldades de concentração para decodificar os discursos dos professores acarretando em baixo rendimento. Ao se ler tais relatos, desperta-se nos leitores, em sua maioria educadores, uma angústia, uma indignação e um desejo de transformação destas graves situações de violências descritas o que impulsiona à quebra de paradigmas no tocante às práticas educativas. Por meio destes relatos, apareceram desde as mais ínfimas formas de violência doméstica, que ocorrem rotineiramente nas micro-relações do ambiente familiar, como o caso de crianças que assistem a cenas de agressões verbais e físicas dentro de casa, nas quais mulheres e crianças são vítimas com maior frequência. Outras formas de violência verificáveis nas micro-relações podem ser ilustradas como o uso indevido de drogas, o abandono material e intelectual por parte dos responsáveis, possíveis casos de pedofilia, a omissão da sociedade diante das mais variadas formas de injustiças. No âmbito das macro-estruturas políticas, econômicas e culturais, o descumprimento da legislação de proteção à infância e à juventude sobressalta como sendo o maior violador de direitos humanos, manifestado na falta de vaga nas creches, nas escolas, nos altos índices de desemprego, no aumento do comércio ilícito de entorpecentes e armas de fogo, na impunidade diante da corrupção, entre outras.

O uso de droga por parte da irmã da aluna V. F. S., que era a pessoa responsável pela formação desta criança, conforme narrado em um dos relatos não pode deixar de ter a devida atenção a partir do momento em que os educadores tomaram conhecimento de sua história. Neste sentido, medidas devem ser tomadas no sentido de orientar as pessoas que assistem passivamente a tais situações a tomar atitudes, por meio de se criar estratégias de divulgação para toda a comunidade escolar sobre os canais de articulação que devem ser acionados para que situações desumanas de violação de

direitos como estas sejam minimizadas. É gritante e horripilante a situação descrita por V. F. S., que ficou por dois anos consecutivos sob a responsabilidade de uma irmã dependente química, que por sua vez também precisa de apoio para a saúde, ou seja, estamos falando de duas vítimas precisando de uma orientação sendo que as maiorias das pessoas simplesmente não tiveram acesso a informações sobre como poderiam orientá-las. Prestar assistência a qualquer pessoa que dela precisa é dever de todos e todas, incluindo-se vizinhos, educadores, parentes e qualquer um que esteja diante de problemas semelhantes.

Neste sentido de proteção e tomada de atitudes, é fundamental uma constante articulação entre as escolas com as comunidades, os Conselhos Tutelares, as Promotorias Públicas, o Ministério Público, Secretarias da Criança e Juventude e a todas as instâncias que fazem parte da Rede de Proteção Integral a Criança e ao Adolescente. Na escola, emerge necessidade de se trabalhar o histórico de vida dessas crianças para propor intervenções, buscando a conscientização de todos e todas na construção de uma sociedade diferente.

Uma outra forma de violência que chama a atenção se refere à violência contra a mulher. Para trabalhar melhor este assunto, é possível recorrer à Lei Maria da Penha, Nº 11.340/2006. Tal Lei recebeu este nome em homenagem à Maria da Penha que ainda se encontra viva. Ela foi espancada por anos a fio e sofreu duas tentativas de homicídio pelo seu companheiro, não morreu, mas como sequela das agressões ficou paraplégica e vive em uma cadeira de rodas. Caso grave de impunidade, que levou Maria da Penha recorrer à Comissão Interamericana de Direitos Humanos, da OEA e só vinte anos depois o agressor foi julgado, condenado e preso. E não basta ser feita a constatação surge a necessidade de intervenções pontuais voltadas para os alunos, alunas e demais membros de suas relações extra-escolar.

Percebe-se que na maioria dos estabelecimentos de ensino, um dos grandes problemas apontados refere-se à questão da violência e indisciplina como fator dificultador da prática docente, na medida em que interfere diretamente nos resultados esperados pois são fatores que inviabilizam um trabalho produtivo do ponto de vista da aquisição dos conhecimentos historicamente acumulados. No desenvolvimento das pesquisas realizadas, constatou-se que boa parte dos educadores traz em sua formação

uma carência de se apropriar do debate sobre as questões aqui discutidas, pois não tiveram ou se tiveram tais oportunidades durante a vida acadêmica, ainda assim não foi o suficiente para que se apropriassem de conceitos que lhes dessem suporte para o enfrentamento de conflitos cotidianamente vivenciados na dinâmica escolar. Entende-se assim educadores todos os atores do processo, considerando-se os pais, mães e demais entes familiares, os agentes de apoio, assistentes administrativos, professores, pedagogos(as) e diretores(as). Quando não há meios de capacitação e discussão sobre o tema, além de muitas injustiças serem cometidas no dia a dia, muitos se acham impotentes frente à realidade. A maioria dos trabalhadores da educação ainda não conhecem de forma adequada a legislação pertinente ao seu trabalho, confundindo conceitos básicos como o que é indisciplina e ato infracional, por exemplo, o que já fora citado anteriormente.

Existe uma legislação há dezenove anos sobre o assunto , o ECA (Estatuto da Criança e Adolescente) que no Título III, do Capítulo I ao V descreve o que é um Ato Infracional, Medidas Sócio-Educacionais, Internação, Prestação de Serviços à Comunidade, etc. Conhecer a legislação e estratégias pedagógicas e didáticas mais eficazes é uma das condições para uma boa prática e em consequência estratégia de combate à indisciplina e à violência que afeta o âmbito escolar; diferenciando violência no crivo da sociologia que trabalha com seus aspectos de causas e efeito nas sociedades urbanas e em outras. Entender no aspecto antropológico a manifestação e os ritos com aspectos da violência encontrados nas diversas comunidades humanas em todos os tempos e lugares, possibilitam um melhor entendimento da comunidade em que se encontra inserida a escola. E por fim entender a violência como uma manifestação inerente dos instintos humanos mais primitivos, que precisa ter uma constante intervenção pedagógica educacional que possibilitem relações mais harmônicas entre as pessoas. E na escola essa manifestação é bem evidente e aí é o melhor espaço da intervenção reflexiva e científica, possibilitando a formação de seres críticos e autônomos, que tenham como princípio de vida a paz e harmonia, mas sem comodismo diante da negação de direitos e qualquer forma de injustiça que fira a pessoa humana. O líder sul africano Nelson Mandela³ tem uma afirmação que ratifica o valor da educação como combate ao

³Nelson Rolihlahla Mandela, Mandela (nascido a 18 de julho de 1918, em Umtata, Tanskei, África do Sul). Líder político africano. Foi presidente da África do Sul de 1994 a 1999, depois de atuar como principal representante do movimento anti-apartheid, ficou mais de 20 anos preso.

ódio e à violência. "Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar." [Nelson Mandela]

O BULLYING – REFLEXOS NO RENDIMENTO ESCOLAR .

Neste período de estudos e observação dentro da escola verificamos que uma das mais sérias formas de violência entre os alunos/as é o bullying, manifestado em agressões físicas, psicológicas, simbólicas, entre outras constantes, entre outras agressões tais como chacota, sarrinhos, ironias, sadismo e preconceitos diversos. A diversidade de violências ocorre nos espaços da escola (banheiros, corredores, pátios, saídas e entradas das aulas, onde há muita aglomeração de pessoas). Porém ocorre outra forma de bullying pior e mais silenciosa até mesmo dentro das salas de aula, na presença dos educadores/as, que, via de regra, não tem incorporado em sua prática docente um trabalho mais sistematizado sobre o tema. Fatores diversos, como salas superlotadas e a indisciplina constantes, por exemplo, acabam contribuindo para que muitas vezes os educadores optem pela omissão diante de certas situações de violência quer seja pela dinâmica educacional ou seja pela falta de instrumentalização pedagógica.

O Bullying remete a uma das violências intra-escolar com grandes prejuízos para o rendimento escolar. E os educadores/as poderão melhor identificar estes fenômenos recorrentes no cotidiano escolar, ao detectar o tipo de bullying que está ocorrendo e não silenciar e nem se manter passivo, mas sim, fazer intervenções necessárias para sensibilizar a todos os atores envolvidos, fazendo-os refletirem sobre a questão. Neste sentido, cada profissional da educação deve atentar para sua formação constante, buscando com isso ampliar o leque de estratégias de intervenção e a consequente satisfação profissional. O bullying mais comum que ocorre na escola, além daquele que todos(as) veem em ações claras, detectamos também, na pesquisa, o tipo silencioso, até mesmo dentro das próprias salas de aula. E quem sofre são muitas vezes alunos e alunas frágeis, que se sentem inferiores e acabam tendo problemas de auto-estima, são agredidos e permanecem silenciados e raramente pedem ajuda, com medo de piores reações dos agressores. Já ocorreram casos que comprovam tal afirmação no colégio onde foi implementada esta pesquisa e em uma das situações, foi necessária a intervenção da promotoria e Conselho Tutelar, onde os agressores cumpriram Medidas

Sócio-Educacionais em regime de Internação. Não deve haver omissão da escola ao constatar fatos graves de bullying, no seu espaço e mesmo fora dele.

Vítimas do bullying, na maioria dos casos demonstram desinteresse, baixo rendimento escolar, medo ou falta de vontade de ir à escola e se vão se posicionam de forma apática, sendo rotulados como preguiçosos, indisciplinados, apáticos... E a escola que deveria ser um espaço de segurança e bem estar vira o espaço da humilhação, dos xingamentos, das inúmeras ofensas, da discriminação étnico-racial, de gênero, de orientação sexual (bullying homofóbico), de posição social, econômica e cultural, regional, bem como do cyberbullying. Ainda, a instituição escola acaba também se tornando, muitas vezes, o lugar onde pode ocorrer o roubo ou danificação dos objetos pessoais, a depredação do patrimônio público, enfim, um local de expressão dos instintos primitivos. É comum encontrarmos casos de depressão em alunos e alunas já nas séries iniciais. Já foram detectado casos no colégio em questão. Segundo relatos ouvidos de alunos e alunas vítimas fora da escola acabam tendo pesadelos ao pensar que precisam ir para a escola no dia seguinte, pois sabem que a cada novo dia de aula pode aumentar o sofrimento.

É recorrente vermos assustados as notícias de homicídios em massa em escolas, onde após estudo sobre o agressor se verifica que sofria por meses, ou até anos seguidos enquanto vítima de alguma forma de bullying e permaneceu calado até à reação de forma trágica, pois além de matar outros e ferir muitos acabam tirando a sua própria vida. Também é recorrente o suicídio gerado por situações prolongadas de bullying, onde a vítima vê em sua morte como uma saída até honrosa para o extremo sofrimento contido e sufocado no âmago íntimo de sua efêmera existência.

Em relação aos agressores geralmente acreditam que todos devem fazer suas vontades, e que foram acostumados, por uma educação equivocada, a ser o centro das atenções. São crianças geralmente inseguras, passíveis de terem sofrido ou até mesmo de estarem vivenciando algum tipo de agressão por parte de adultos. Em tese, pode haver a reprodução de um comportamento autoritário e repressor. Tanto as vítimas, quanto os agressores, necessitam de auxílio e de orientação. Os demais indivíduos são, via de regra, observadores passivos da violência. Eles convivem com ela e se calam ou são ignorados em suas manifestações por pais e professores. Em muitos casos os agressores são empoderados pelos seus próprios responsáveis que lhes admoestam sob a ameaça de serem agredidos também em casa caso apanhem na rua e/ou na escola,

enfim.

Ao desenvolver este trabalho de pesquisa com alunos/as de 5^a e 6^a séries neste ano de 2009 verifica-se que o relato feito anteriormente se aplica em boa dose nas práticas sociais. Alunos/as fora de idade série, que já são multi repetentes, acabam agindo com menos entusiasmo para os estudos em sala, tornando-se muitas vezes mais inquietantes que os demais com atitudes de extrema indisciplina. Por outro lado sofrem de violência dentro e fora da escola também, na discriminação dos colegas e até de educadores, que os classificam de forma diferente dos demais. Neste caso, como lidar com esta criança, este jovem, tão estranho à expectativa docente? Claro que não estamos aqui propondo receita pronta para o problema, nem tampouco criminalizando ninguém, mas apontando que uma das estratégias mais viáveis seria uma constante formação de todos/as educadores/as e uma imediata redução de alunos por turma, principalmente nas séries iniciais. Outra sugestão seria promover estratégias visando a envolver mais a comunidade nas práticas escolares. Na implementação do projeto foram ouvidos alunos/as, educadores/as e as angústias apontadas são muito parecidas quando se refere à superlotação das salas de aula e as atuais condições precárias de trabalho.

Na pesquisa in loco a questão da violência e indisciplina reflete indiscutivelmente nos resultados finais de cada ano letivo. No interior das escolas, o bullying, nas suas diversas manifestações, assim como a violência extra-escolar aparecem como um dos fatores relevantes influenciando no sucesso e permanência do educando/a na escola. Nas quintas e sextas séries pesquisadas foi constatado uma média de 8 alunos/as por turma que já repetiram a mesma série, alguns deles/as mais de uma vez. Ao confrontar a pesquisa feita com os educandos/as com a de seus responsáveis, percebemos que o contexto histórico familiar é bem significativo nos resultados. Quando se propõe o debate sobre bullying, são identificadas situações desta prática entre vizinhos, no trânsito e, de forma acentuada, dentro de suas residências. Fomentar este debate é de extrema importância para a compreensão dos epifenômenos educativos além de possibilitar um leque amplo de estratégias que possam sensibilizar a todos e todas para tomada de atitudes.

VIOLÊNCIA SIMBÓLICA DENTRO DA ESCOLA

A violência e a indisciplina é sintomática e às vezes denunciadora. A escola é o

espaço da construção das diversidades conceituais, onde se deve trabalhar o conhecimento científico na medida em que estes acentuem valores humanos, pois ninguém nasce violento, no entanto se nasce com instintos de sobrevivência que podem levar à agressão visando a conseguir aquilo que deseja e precisa para a subsistência. Ainda que muitos casos de furtos e roubos seguidos até de homicídios revelem a influência da mídia ao criar necessidades dispensáveis nos jovens desde a tenra idade, pois na sociedade de consumo em que estamos inseridos existe um hiato enorme entre o desejo de consumo e as condições materiais para possibilitar este consumo. Enquanto um espaço de reflexão dos valores, a escola precisa ensinar que é possível conseguir desfrutar dos bens sócio culturais produzidos pela humanidade, pelo menos parcialmente, sem atitudes agressivas, mas por meio do conhecimento.

Muitas vezes, casos de extrema indisciplina pode ser uma resposta a um conjunto de humilhações silenciadas por meio de práticas excludentes, preconceituosas e discriminatórias que ocorrem cotidianamente nos espaços intra e extra-escolares. Não se pode confundir violência com indisciplina, nem com incivilidade. São três âmbitos diferentes. Há situações em que a indisciplina pode ser um protesto causado pela insegurança, falta de conhecimento e pelo medo. A incivilidade tem a ver com a ideia de rebeldia, de uma recusa, de uma descortesia quando se rompem as regras de cortesias clássicas por não conhecê-las ou por falta de mediação pedagógica. Violência tem a ver com danificação, com depredação quer da integridade física ou moral do outro. A escola não pode se eximir desta tarefa de promover o debate e ampliar a discussão para além dos seus muros, integrando a comunidade na qual está inserida.

A violência simbólica, a da danificação moral do outro acontece cotidianamente dentro do espaço escolar, operada pelos educandos e em grande parte pelos próprios educadores e educadoras. Segundo P. Bourdieu, no livro intitulado *A Reprodução*, ao analisar o sistema educacional francês, afirma que ao invés deste sistema conseguir a transformação da sociedade, com uma ascensão social das classes pobres, confirma e ainda acaba reproduzindo e aumentando essas desigualdades. Sua análise é perfeitamente cabível em nosso sistema brasileiro. Nesta perspectiva, em relação à escola pública desconfiamos que o outro não seja capaz ou digno de estar lá, que faça parte de fato do espaço escolar, promovemos aí a exclusão ano após ano, fruto dessa

violência simbólica imposta aos alunos e alunas da classe trabalhadora.

Esta forma de violência, a simbólica, sempre esteve muito presente na história brasileira que, segundo o sociólogo francês Pierre Bourdieu é um ato sutil, que acaba ocultando as relações de poder que alcançam não apenas as relações entre gênero, porém, toda a estrutura social. A violência simbólica fica clara na medida em que o dominante impõe sua cultura, de forma legítima ou dissimulada, de acordo com seus princípios e valores. A violência simbólica, é recorrente nos processos de colonização e dominação de um povo sobre outro e de uma classe sobre a outra. O conceito de violência simbólica tem como objetivo elucidar as relações de dominação que não pressupõe a coerção física ocorridas entre as pessoas e entre os grupos presentes no corpo social, o pior desta forma de violência é que quem sofre muitas vezes consente e não apresenta reação. A citação abaixo elucida melhor nossa afirmação:

A raiz da violência simbólica estaria deste [modo](#) presente nos símbolos e signos culturais, especialmente no reconhecimento tácito da autoridade exercida por certas pessoas e grupos de pessoas. Deste modo, a violência simbólica nem é percebida como violência, mas sim como uma espécie de interdição desenvolvida com base em um respeito que "naturalmente" se exerce de um para outro. Como exemplo disto temos a atitude professoral, a qual pressupõe o uso legitimado de estratégias punitivas em relação aos alunos (como reprovações e castigos) que não se enquadram nos moldes [sociais](#) da instituição escolar. ([Pablo Silva Machado Bispo dos Santos](#))⁴Publicado em: dezembro 11, 2007 pt.shvoong.com/social-sciences/1721852-pierre-bourdieu-conceito-violencia-simbolica/

Pelo processo da violência simbólica os valores culturais e modos de produção vão sendo absorvidos pelos subjugados, com estratégias que acabam legitimando a inculturação e toda dominação como natural na sociedade e, de modo especial dentro da instituição escolar, impondo às classes baixas o habitus da classe dominante. Desta forma não há uma neutralidade na educação, onde um arcabouço teórico acabam promovendo e até legitimando formas de exclusão social e econômica. Teria, assim, na defesa de

⁴Publicado em: dezembro 11, 2007 pt.shvoong.com/social-sciences/1721852-pierre-bourdieu-conceito-violencia-simbolica

Bourdieu um caráter de violência a ação pedagógica imposta à força, que não possibilita a emancipação e autonomia dos sujeitos. Temos aqui um dilema terrível que é o seguinte: escolas públicas que entendem seu trabalho como esmola, como donativo para pobre, e escolas privadas que entendem seu trabalho como negócio para rico. Nas duas concepções percebemos uma distorção da função e definição do que seja escola. Escola deve ser um bem público sempre. E os educadores devem, eticamente falando, estar a serviço dos alunos/as os promovendo a uma condição melhor de existência, respeitando suas representações de mundo e saberes de sua classe social, os re-significando, construindo conceitos mais elaborados, rompendo o mero senso comum. E escola como bem público deve ser compreendido e defendido como um direito fundamental para a construção de uma sociedade menos violenta, ratificado na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, no Artigo XXVI; na Constituição Federal do Brasil de 1988; na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), Lei 9394/96 entre tantos estatutos e leis.

Para garantia de direitos e cumprimento dos deveres e obrigações por parte dos diversos atores envolvidos na ação educativa há uma regulamentação legal que se refere à criança e adolescentes. Estamos falando do ECA (Estatuto Da Criança e Adolescentes), Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990, elaborado com base no Artigo 227 da Constituição do Brasil de 1988, que traz em sua íntegra :

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Quanto deste artigo está sendo implementado de fato?

A indisciplina e a construção de limites, uma urgência necessária.

A preocupação em estabelecer limites nas ações de crianças e adolescente está explícita não só no âmbito das instituições de ensino, mas também nos demais espaços onde há interação. As dinâmicas utilizadas na construção destes limites variam

de acordo com as concepções religiosas, filosóficas e demais elementos constitutivos de um povo . Em determinados períodos históricos e em algumas partes do mundo crianças e adolescentes eram e até hoje são tratados como menores cujos direitos são questionáveis se compararmos à legislação prevista no Brasil, na medida em que há um reconhecimento da criança enquanto sujeito de direitos inerentes à faixa etária, de tal forma que houve uma quebra de paradigmas a cerca do termo “menor”, no sentido de remeter à “menoridade” expressando uma conotação pejorativa que minimiza a criança e o adolescente, colocando-o num plano inferior. No Brasil, de modo especial, houve um avanço com a elaboração do ECA e a C.F/88 onde crianças e adolescentes passam a ser vistos como cidadãos de direitos, porém com deveres, o que prevê uma normatização nesta construção de limites sem tratamentos desumanos e violentos, embora isto não seja fato consolidado a contento. Sobre a necessidade de estabelecer regras e limites para as crianças, Paulo Freire se pronuncia: “A mim me dá pena e preocupação quando convivo com famílias que experimentam a “tirania da liberdade” em que crianças podem tudo: gritam, riscam as paredes, ameaçam as visitas em face da autoridade complacente dos pais que se pensam ainda campeões da liberdade.”⁵ (p. 29)

Todos nós educadores vivemos em um período de desafios, por ser um tempo de muitas mudanças e reivindicações de direitos, devido a tantas violações e negligências por parte do poder público, há décadas, e para muitos excluídos de tudo, num longo período de tempo é possível entender que se “agarrem” no quesito direitos, muitas vezes até “esquecendo” e desconhecendo os deveres que andam juntos com os direitos. Tal fato é bem conhecido por nós em se tratando do ECA, que completou 19 anos no dia 13 de julho de 2009. O adolescente que dele precisou por ter cometido um ato infracional, bem depressa teve que conhecer e decorar os artigos nele contido que o pudesse defender e mantê-lo vivo agora numa “unidade sócio educativa”. Talvez se os seus responsáveis conhecessem bem os direitos e deveres do ECA teriam lhes dado limites e cobrado mais do poder público os direitos evitando assim que seus simples atos de indisciplina, ao longo dos anos virassem atos infracionais; se a “família” falhou, se a escola não deu conta acaba sobrando para a polícia. Fizemos a citação acima como provocação para que pensemos um pouco na maneira como construímos os limites em nossos filhos/as e educandos/as. Um adolescente que aos 12 anos comete um ato

⁵FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação. São Paulo:UNESP, 2000.

infracional já deve ter cometido vários atos de indisciplina e que em muitos casos não recebeu a devida “correção” pedagógica na escola e em “casa”. A construção de valores e limites é uma tarefa difícil, exigente e constante; Paulo Freire no mesmo livro (Pedagogia da Indignação) escreveu: *Que coisa estranha, brincar de matar índio, de matar gente. Fico a pensar aqui, mergulhado no abismo de uma profunda perplexidade, espantado diante da perversidade intolerável desses moços desgentificando-se, no ambiente em que decresceram em lugar de crescer. (p. 66)*

Esse episódio (cinco jovens jogaram álcool no índio pataxó Galdino do Santos, numa parada de ônibus em Brasília em 1997) chocou o Educador Paulo Freire e toda a nação e as penalidades foram brandas em relação à malvadeza do ato hediondo. Não seria por que eram das classes mais ricas? No livro Pedagogia da Indignação esta citação acima foram os últimos escritos de Paulo Freire antes de morrer em 22 de abril de 1997 e nesta carta pedagógica ele acrescenta:

É possível que, na infância, esses malvados adolescentes tenham brincado, felizes e risonhos, de estrangular pintinhos, de atear fogo no rabo de gatos pachorrentos só para vê-los aos pulos e ouvir os seus miados desesperados, e se tenham também divertido esmigalhando botões de rosa nos jardins públicos com a mesma desenvoltura com que rasgavam, com afiados canivetes, os tampo das mesas de sua escola. E isso tudo com a possível complacência quando não com o estímulo irresponsável dos seus pais. (p. 66)

Para cada ato infracional está previsto uma medida sócio educativa no ECA. Art. 115 Da advertência; Art. 116 Da Obrigação de Reparar o Dano; Art. 117 Da Prestação de Serviços à Comunidade; Art. 118 Da Liberdade Assistida. Estes artigos estão no capítulo IV do ECA, com o título Das Medidas Socioeducativas. E sua devida aplicação precisa contar com uma promotoria consciente e atuante, um Conselho Tutelar bem instrumentalizado e uma escola que conheça bem o ECA e outras legislações pertinentes à educação. É dever nosso, enquanto educadores/as conhecer bem essa legislação. Começando pela direção das escolas, pedagogos/as, que devem promover constantemente momentos de discussões e debates com formação para todos, no interior do local de trabalho, principalmente. Diferenciar ato de indisciplina e ato infracional é fundamental para uma justa e devida atuação pedagógica, do contrário a escola fica chamando a polícia a qualquer momento para atos corriqueiros, que são indisciplinares e

é da responsabilidade da escola e não da polícia. A frequente presença da polícia dentro da escola mostra sua incapacidade de resolver os problemas pedagógicos indisciplinados que vão se tronando, em alguns casos, atos infracionais.

No livro *Pedagogia da Autonomia* Paulo Freire, faz uma análise colocando como absolutamente necessário o rigor metódico e intelectual que o educador deve desenvolver em si próprio, como pesquisador, sujeito curioso, que busca o saber e o assimila de uma forma crítica, não ingênua, com questionamentos, e orienta seus educandos a seguirem também essa linha metodológica de estudar e entender o mundo, relacionando os conhecimentos adquiridos com a realidade de sua vida, sua cidade, seu meio social. Afirma que "não há ensino sem pesquisa nem pesquisa sem ensino" (p. 32)⁶. Esse pesquisar, buscar e compreender criticamente só ocorrerá se o educador/a souber pensar. Para Freire, saber pensar é duvidar de suas próprias certezas, questionar suas verdades. Se o educador/a faz isso, terá facilidade de desenvolver em seus alunos/as o mesmo espírito.

Ensinar, na concepção freiriana, requer aceitar os riscos do desafio do novo, enquanto inovador, enriquecedor, e rejeitar quaisquer formas de discriminação contra o outro/a na suas diferenças e subjetividades. É ter certeza de que faz parte de um processo inconcluso, apesar de saber que o ser humano é um ser condicionado, portanto há sempre possibilidades de interferir na realidade a fim de modificá-la. Acima de tudo, ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando/a. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. O educador/a que desrespeita a curiosidade do educando/a, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, seu jeito de falar e até de se vestir, tratando-os com ironia, os minimizando, através de atitudes repressivas em falas como esta: "ponha-se em seu lugar" , frente ao menor sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o educador/a que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. É dever nosso na escola promover no educando/a a possibilidade de construção de sua autonomia, enquanto cidadão crítico e isto não é feito aos berros pelos

⁶Paulo Freire (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra. p. 165.

corredores e nem em salas de aulas superlotadas, com xingamentos entre educadores/as e alunos/as, nem na abordagem desrespeitosa nos portões, nas “salinhas” de orientação e/ou direção.

Construir limites é mais que uma necessidade que está posta na prática educadora e não é de forma autoritária que atingiremos tal propósito. Neste sentido Pedro Bodê afirma:

Sem autoridade, por sua vez, é impossível a constituição do limite uma vez que este precisa, necessariamente daquela para serem operados. Isto é claramente observável no espaço escolar, no qual professores esvaziados, por motivos vários, em sua autoridade tentam resolver os problemas autoritariamente e assim acabando entrando no círculo vicioso que, por fim, legitima ações policiais e se distanciando-se cada vez mais das soluções efetiva do problema que são, por vezes e paradoxalmente, menos problemáticos que as soluções propostas.

O que também defende Pedro Bodê é que a ampliação e intensificação de prática punitivas e repressoras, que criminalizam os jovens, os vendo como ameaça, justificando a presença policial a todo momento na escola, produz um efeito contrário do esperado, que seria o respeito à autoridade e mais disciplina, ocorrendo um aumento do medo gerando respostas emocionais e sempre mais violentas. O debate e provocações aqui feitos precisam fazer parte, de forma mais incisiva, de todos os momentos da educação e estar mais presente na formação inicial dos educadores e, de modo especial, na formação continuada.

Aprendendo a respeitar e conviver com as diferenças dentro e fora da escola.

Como parte do projeto desenvolvido foram feitas atividades fora da escola e uma delas que mais despertou mudanças nos alunos e alunas e educadores/as foram as aulas de campo na APAE, onde ocorreu uma interação surpreendente entre nossos alunos/as e os/as alunos/as desta outra escola diferente. A APAE citada fica no Bairro São Gabriel em Colombo e nas aulas aí feitas entre os alunos do Helena Kolody e os outros o resultado foi para além do esperado, despertando interesse nas demais turmas

na atividade e foi verificado uma mudança de atitude nos alunos/as após ter participado da atividade conjunta, eles mesmos repreendendo outros/as quando ouviam falas recorrentes como esta: “louquinhos da APAE”. Foram escolhidos alguns relatos que seguem e podem ratificar o exposto até aqui, pois são outras vozes dizendo das suas impressões e possíveis atitudes novas, vencendo a violência da discriminação e todo tipo de preconceito. Seguem os relatos de alunos/as e educadoras:

Professor Afonso
Aparecido Farias

**Grupo de Apoio à Implementação do Projeto
PDE na Escola/2009**

VIOLÊNCIA E INDISCIPLINA X RENDIMENTO ESCOLAR

ATIVIDADE: "Vencendo a violência da discriminação e preconceito"

Aula diferenciada com alunos de 5ª série e alunos da APAE/Colombo

Relatório do aluno(a)

Aluno(a) V.F.S

Turma:

Data: 03/06/2009

Educadores que acompanharam os alunos/as: Cidário Beronice

Cuida na APAE

Nos da 5ª C nos fomos lá na
APAE eu gostei muito de ir lá eu fiquei
doe feliz de dar um abraço mel
postei de ir participando da brincan
lá na APAE lá tem crianças espe
ciais lá é uma escola igual as
outros lá eles escrevem, pintam,
desenham etc é uma escola
igual as outras

As coisas que eu tenho mais raro
é da discriminação ficaram tiran
do raro das pessoas especiais eu
tenho certeza que eles são huma
nos igual a eles mas tem um
cabeça diferente um jeito de ir
compartar diferente eu tenho
certeza que depois desse passeio
muitas coisas da minha vida
podem mudar eu não sei mesmo
porque eu não sei muito eu sei
que a minha vida é diferente eu sei
da vida eu não tenho nem pai e
nem mãe mas tenho uma irmã
um irmão e uma tia que me amam
muito.

Eu também quase não assim eu
tenho me afogado com a água da
porta da minha mãe eu fiquei
lá quase meses no hospital internado
e minha mãe foi pra casa

Professor Adão
Aparecido Xavier

**Grupo de Apoio à Implementação do Projeto PDE na
Escola/2009**
VIOLÊNCIA E INDISCIPLINA X RENDIMENTO ESCOLAR

ATIVIDADE: "Vencendo a violência da discriminação e preconceito"
Aula diferenciada com alunos de 5ª série e alunos da APAE/Colombo
Relatório do aluno(a)

Aluno(a) E.D.W Turma: 5ª C
Data: 03/06/2009
Educadores que acompanharam os alunos/as: Cidcã, Brêmica.
Cula na APAE

A APAE é uma escola especial para portadores de deficiência física e mental. Eles cuidam de várias doenças como Síndrome de Down, a mão e contagiosa, as pessoas que portam esta doença, algumas doenças, escutam mas tem dificuldade na aula do falco. Não podemos discrimina-los, mas não podemos discriminar só eles, mas podemos discriminar ninguém, pois podemos chama-los de loucos, retardados, deficiências mentais, eles só são diferentes. Eles cuidam de várias doenças como Síndrome de Down, microcefalia, autismo, paralisia cerebral... Eles fazem ginástica, eles não recebem muito bem. Não é porque eles têm doenças que não podemos chegar perto deles, nós podemos conversar, brincar, andar, eles também são pessoas, diferentes, mas iguais! Eles também tem sentimentos, mas o autismo, as pessoas que tem não mostram sentimentos de dor, fome, sono, eles não com qualquer pessoa que pegue na mão deles e sair andando, mas da mesma jeito eles são pessoas.

Professor Adão
Aparecido Xavier

**Grupo de Apoio à Implementação do Projeto
PDE na Escola/2009**

VIOLÊNCIA E INDISCIPLINA X RENDIMENTO ESCOLAR

ATIVIDADE: "Vencendo a violência da discriminação e preconceito"

Aula diferenciada com alunos de 5ª série e alunos da APAE/Colombo

Relatório do Educador(a)

Aluno(a) Beunica Teuzinha Turma: (EDUCADORA)

Data: 25/05/2009

Educadores que acompanharam os alunos/as: _____

No dia cinco de maio, fui acompanhar os alunos da 5ª C juntamente com o professor Adão, num trabalho bem especial sobre a proposta de destigmatizar a discriminação, numa consciência de respeito às diversidades, tanto física como intelectual, e baseado. Se não entendi muito, pude perceber em nossos alunos uma relação de interação com os alunos da APAE, esse interação ocorreu (num) ou melhor através de atividades que tinham como proposta principal a questão de que o aluno saiba que a quebra de preconceitos acontecerá a partir de conhecimento prático das diversas realidades, e foi salientado pela coordenadora pedagógica, que mesmo diante de algumas "deficiências" apresentadas somos iguais em direitos, sentimentos, somos humanos.

Os alunos, tanto da 5ª C como da APAE tiveram uma manhã bem gratificante, pois se estabelecendo vínculos de interação, proporcionando aulas extracurriculares que envolvam o aluno no contexto social e não conteudista, pode sim condicionar o aluno a uma prática de cidadania, de criticidade e discernimento no desenvolvimento de cada indivíduo.

Fui a APAE, não só para acompanhar o Professor e a turma, mas sim no intuito de contribuir neste processo de interação e inserção por acreditar que o respeito e a igualdade a partir de desigualdades, deve ser um condicionante para um sociedade melhor.

Boa percepção
da funcionária
geral

Prof. Adão
25/05/09

Professor Adão
Aparecido Xavier

**Grupo de Apoio à Implementação do Projeto
PDE na Escola/2009**

VIOLÊNCIA E INDISCIPLINA X RENDIMENTO ESCOLAR

ATIVIDADE: "Vencendo a violência da discriminação e preconceito"

Aula diferenciada com alunos de 5ª série e alunos da APAE/Colombo

Relatório do Educador(a)

Aluno(a) PROFESSORA REGIANE

Turma:

Data: 21/05/2009

Educadores que acompanharam os alunos/as: Regiane Jimetto

A visita foi muito proveitosa tanto para os alunos como para nós professores que acompanhamos.

Foi muito interessante perceber nos alunos a mudança de comportamento e opiniões no resto do momento da chegada e o primeiro contato com os alunos da APAE e ao final da atividade.

Foi nítida a mudança de visão dos nossos alunos, quando romperam a primeira barreira que foi o abraço as coisas foram acontecendo normalmente no encontro. Esse projeto é muito interessante, deve ser expandido para outras turmas para que os alunos também possam viver essa experiência.

É necessário que os nossos alunos entendam a realidade de outras crianças e assim possam romper uma das barreiras do preconceito.

[Handwritten signature]
Professora
25/05/09

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da realidade colocada da escola e a emblemática situação de confusões sobre o conceito de violência, é mais que urgente promover reuniões, momentos pedagógicos visando a descobrir que concepção professores, equipes pedagógicas, diretores, alunos e comunidade escolar possuem em relação à violência e a indisciplina. Tal trabalho deve ser feito a cada início de ano letivo em conjunto, pois é comum a alteração do quadro de profissionais da educação em quase todas as escolas. Sempre que houver oportunidades em encontros dos educadores, proceder a avaliação do trabalho pedagógico que vem sendo desenvolvido, retomar os combinados e proceder a alterações do PPP se necessário. Ao realizar o diagnóstico concreto do contexto no qual a instituição de ensino está inserida, faz-se necessário e relevante para o enriquecimento da discussão recorrer a pesquisadores e especialistas no assunto que possibilitem aprofundar a reflexão a cerca da realidade que está posta, pois certamente o aparato teórico traz luzes para iluminar práticas docentes e instrumentalizar os membros dos diversos segmentos que compõe o universo educacional, na medida em que oferece elementos capazes de suscitar uma reflexão mais aprofundada, viabilizando assim ampliar o debate para a construção coletiva de propostas que tenham sustentabilidade e possam integrar o plano de ação da escola, devendo o fruto das discussões ser sistematizado enquanto parte constitutiva do Projeto Político Pedagógico de cada escola.

As atividades realizadas sobre a linha do tempo superaram as expectativas dos resultados esperados, ampliou a visão da educação não somente dos participantes do grupo de estudos que contribuíram na implementação da proposta como também suscitou uma reflexão sobre a constituição dos seres nos demais educadores do estabelecimento, na medida em que os relatos dos alunos foram socializados em momentos pedagógicos, ou até outros como nos intervalos.

Após a aplicação de instrumentos de pesquisas presentes neste artigo por educadores participantes do grupo de apoio, concluímos que o instrumento de pesquisa utilizado foi relevante e ficou proposto como sugestão de trabalho pedagógico de acompanhamento para a equipe pedagógica a cada início de ano, pois através dele se pode conhecer melhor o histórico familiar dos alunos/as e, partindo daí, tratar de forma pontual e mais precisa os possíveis fatores que dificultarão o sucesso escolar dos alunos e alunas. Apareceram casos de famílias que mudaram três vezes no mesmo ano e se

todos os educadores daquele/a aluno/a não conhecem o fato e não tentam fazer um trabalho diferenciado com o/a aluno/a o final é a reprovação em muitos dos casos.

Na questão da violência extra-escolar apareceu nos relatórios a emblemática realidade do uso indiscriminado de drogas lícitas e ilícitas entre os familiares, responsáveis e o próprios alunos e alunas, o que é também um dos fatores responsáveis pelo fracasso escolar e baixo desempenho. Um aluno da quinta série da escola relatou que gosta de ficar na escola para não ficar em casa, pois o pai usa crack e quando não tem a droga e nem dinheiro para comprar o espanca e quebra as mínimas coisas que ainda não vendeu para comprar droga. Sua mãe trabalha como diarista fora e lhe garante só o mínimo. O pai trabalha de servente de pedreiro, mas já quase não está conseguindo trabalhar de tão magro. Este aluno se envolveu no Grêmio da escola e participa do Programa Mais Educação (Programa proposto pelo MEC, em parceria com os Estados e e que atende os alunos/as no contra turno com atividades diferenciadas) e se não for “mandado” para casa este aluno citado fica manhã tarde e noite no colégio. Iguais a ele existem outros, mas não revelam a situação e demonstram a revolta nas atitudes violentas e de indisciplina constante e se não conhecemos o histórico do aluno/a o excluimos com as constantes atas e até uso da Patrulha Escolar. É preciso conhecer melhor os/as alunos/as nas suas subjetividades e estabelecer ações pontuais e em casos como o do aluno acima citado é preciso uma ação partindo da escola em sua defesa e proteção, envolvendo outras políticas públicas, do contrário perpetuará a contínua omissão e convivência com as negações de direitos.

Ainda sobre a violência extra-escolar constatamos que o consumo de álcool- uma das drogas lícitas mais consumidas- é extremamente exagerado e sem controle, inclusive pelos adolescente e jovens, com idade cada vez menor. O colégio é situado entre mais de seis áreas de ocupação irregulares, não existem áreas de lazer, cultura e esporte, além da precária quadra do colégio, o que lhes resta é tomar “tubão” (mistura de vinho ou pinga com refrigerante do mais barato) nas esquinas, sem nenhum pudor e medo. Nos 23 anos de existência do colégio já morreram dezenas de adolescentes e jovens entre 14 e 25 anos, inclusive um deles é o nome do Fórum Permanente Alexandre de Lima Moraes de Combate à Violência, criado em 2006 no colégio para buscar estratégias que amenizem a emblemática questão da violência extra e intra-escolar. Houve resultados positivos em âmbito geral, mas o trabalho só está começando e envolver a comunidade e a rede de proteção de adolescente e jovens deve ser um trabalho sem trégua. Foram

feitas duas conferências públicas e livres sobre educação e violência no município de Colombo, propostas pelo Fórum e teve ampla participação de vários segmentos da sociedade e o mais importante muitos alunos/as, pais, mães e muitos educadores, políticos, entre outros e o principal objetivo foi verificar as políticas públicas que devem atuar – além da escola – no combate às diversas formas de violência que vem para a escola e propor sugestões e cobrá-las de quem deve ser cobrado. Na primeira conferência de 2007 foram editadas 1000 cartilhas com os resultados, sugestões e cobranças e no mês de outubro de 2009 foi feita a segunda conferência e em breve será editada a segunda cartilha. Tal Fórum e eventos foram parte deste projeto PDE, na medida em que envolveu toda a comunidade escolar e, além de pesquisa sobre as violências é também um instrumento que traça algumas estratégias que, se implementadas, refletirá em melhores resultados na vida escolar de nossos alunos/as a partir da 5ª série e até mesmo nas escolas de primeiros níveis e CEMEI'S.

Foi também relatado nas pesquisas como violência extraescolar as agressões domésticas entre companheiros e entre os irmãos e o papel da escola neste casos é bem delicado, pois as vítimas vivem o pânico e o medo constante. Os educadores e de modo especial a equipe pedagógica e direção devem estar atentos e conhecer a legislação vigente, como já foi mencionado, do modo especial a Lei Maria da Penha, e locais de atendimentos para situações de violência e agressões domésticas que afetam alunos e alunas e influenciam os resultados escolares.

A violência e indisciplina interna é bem sintomática e a escola é o espaço da aprendizagem onde se deve trabalhar outros valores e conceitos, pois ninguém nasce violento, nasce com instintos de sobrevivência e até agride para conseguir o que deseja e precisa, desde a tenra idade ser ensinado, ensinada que é possível conseguir as coisas sem agressões e berros. Na escola demonstrações de violência em geral é uma resposta a um conjunto de humilhações, silenciosas, que ocorrem todos os dias no ambiente escolar e fora dele. Não se pode confundir violência com indisciplina, nem com incivilidade. São três âmbitos diferentes. A indisciplina, em geral, é um protesto. A incivilidade tem a ver com a ideia de rebeldia, de uma recusa, de uma descortesia, quando se rompem as regras de cortesias clássicas. Violência tem a ver com danificação, com depredação quer da integridade física, quer da integridade moral do outro. A violência simbólica, a da danificação moral do outro, é uma coisa que está solta nas escolas. Segundo P. Bourdieu, no livro intitulado A Reprodução, analisando o sistema

educacional francês, afirma que ao invés de conseguir a transformação da sociedade, com uma ascensão social das classes pobres, confirma e ainda acaba reproduzindo e aumentando essas desigualdades. Sua análise é perfeitamente cabível em nosso sistema brasileiro. Nesta perspectiva, em relação à escola pública desconfiamos que o outro não seja capaz ou digno de estar lá, que faça parte de fato do espaço escolar, promovemos aí a exclusão ano após ano, fruto dessa violência simbólica imposta aos alunos e alunas da classe trabalhadora. Temos um dilema terrível que é o seguinte: escolas públicas que entendem seu trabalho como esmola, como donativo para pobre, e escolas privadas que entendem seu trabalho como negócio para rico. Nem uma, nem outra é escola. Escola é um bem público sempre. Público na acepção mais bonita do termo. É direito de todos e todas.

Partindo de tão rico material de pesquisa, cujos relatos são feitos de forma livre pelos alunos(as) e seus responsáveis, o processo educacional ganha uma amplitude para além do currículo proposto para as disciplinas, dá corpo a outro currículo, o oculto que já não poderá mais ficar velado. Aqui o referencial teórico de Freire e Vygotski demonstram cada vez mais sentido e podem ajudar ainda mais na re-significação da escola enquanto espaço da inclusão e da promoção humana e formação de sujeitos críticos, sabedores de seus direitos, porém capazes para cumprirem os justos deveres que lhes cabem cumprir.

As propostas dos relatos do histórico de vida dos alunos ganha ainda mais sentido ao confrontá-la apenas com este tão magnífico artigo da Constituição, na medida em que conseguimos, através dele, enumerar tantas negações de direitos contidas nos relatos que vieram para a escola, por outro lado nos chama para um maior compromisso com o educando, nos fazendo tomar posicionamentos que acabarão gerando desconfortos e contestações de instituições e pessoas que por ventura também estejam negligenciando os direitos absolutos das crianças e adolescentes e não fazer nada nos deixará numa condição de omissos, passíveis de sanções penais inclusive.

Para finalizar, fica a ideia de que a partir do momento no qual fenômenos discriminatórios deixam de ser silenciados e passam a ser discutidos no coletivo, atitudes de criminalização da indisciplina acabam sendo re-significadas pelos educadores no âmbito escolar e práticas repressoras, excludentes e punitivas ganham uma nova perspectiva, voltada para uma compreensão mais ampla do sistema econômico, político, social e cultural, enquanto macro estruturas relevantes e determinantes da constituição dos sujeitos. Devido a isso, devem ser consideradas ao se refletir sobre os currículos a

serem implementados na prática docente de forma efetiva, produtiva e significativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, Miriam. *Escolas de Paz*. Brasília: Unesco, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Tradução: BAIRÃO, Reynaldo. 2. ed. - Petrópolis: Vozes, 2009.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- _____. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis. Rio de Janeiro, Vozes, 1991, 9ª edição. Tradução: Ligia M. Ponde Vassallo.
- LISBOA, Daise. Revista *Mátria*. Brasília, D.F. CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação). Publicação de 08 de março de 2008.
- SCHILLING, Flávia. *A Sociedade da Insegurança e a Violência na Escola*. São Paulo. Editora Moderna, 2004.
- STIVAL, Maria Cristina Elias Esper. *Políticas públicas do estado do Paraná: a violência nas escolas públicas e a ação da Patrulha Escolar Comunitária*. Curitiba. UTP, 2007.
- IASP. Instituto de Ação Social do Paraná. ECA. LEI Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Imprensa Oficial. Paraná, 2006.
- VYGOTSKY. L.S. *Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 5ªed., 1998.
- <http://recantodasletras.uol.com.br/resenhasdefilmes/1005130> Acesso 16 nov 2009.
- <http://www.espacoacademico.com.br/042/42lima.htm> Acesso 18 nov 2009.
- <http://fotolog.terra.com.br/ivanmauricio:422>. Acesso 18 nov 2009.
- <http://www.ufpa.br/beiradorio/arquivo/beira33/noticias/noticia3.htm>. Acesso 18 nov 2009.
- www.brasilecola.com. Acesso 18 nov 2009.
- www.espacoacademico.com.br/042/42lima.html. Acesso 16 nov 2009
- www.expo500anos.com.br. Acesso 18 nov 2009.
- http://www.ipardes.gov.br/pdf/cursos_eventos/governanca. Acesso 10 nov. 2009
- BODÊ, Pedro Rodolfo de Moraes. *Juventude e medo*. Disponível em: 2006/gover_2006_01_juventude_medo_pedro_bode.pdf. Acesso em 07 dez 2009.
- http://www.onu-brasil.org.br/documentos_direitoshumanos.php. Acesso 07 dez 2009.